

Nova carta do Caminha

Luis Fernando Verissimo

Senhor: Posto que o capitão-mor desta vossa frota, assim como os outros capitães e o piloto escrevam a Vossa Alteza sobre onde estamos e como aqui chegamos, cabe-me relatar o que vimos, pois se, como escritor, pouco sei de marinagem e singraduras, muito sei de espan-tos. ♦ A partida de Belém para Calicute, como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março. No domingo, 22 do dito mês, nos vimos em calmaria à vista da Ilha de Cabo Verde, e rezamos todos por uma aragem que dali nos deslocasse, e tantos rezamos que do horizonte ergueu-se um rosto gigantesco, desses que se vêem nos mapas soprando os ventos, e perguntou: "Sois portugueses?". À nossa resposta positiva, e dado que o Mar é o Tejo sem as margens e nele reina Portugal, inflou suas bochechas quilométricas e nos pôs a caminho como Vossa Alteza é servida. Mas soprou demais, tanto que atravessamos não apenas léguas mas séculos, e antes de toparmos com a nova terra topamos com seus nativos, que nos cercaram, montados em barulhentos bichos anfíbios que na língua deles é "jetisquis". Foram eles que nos disseram, no seu linguajar que em alguns momentos parece cristão e em outros não, que sua terra se chamava "Bahia", que estávamos no ano 2000 e que, sim nos guiaríamos até a praia. Na língua deles "sim" é "oquei". ♦ Ao desembarcarmos na praia fomos cercados por um gentio pardo, todos seminus, alguns com argolas nas orelhas, no nariz ou no umbigo ou com desenhos feitos na pele. As mulheres mal cobrem suas vergonhas, que são limpas das cabeleiras, e quando perguntamos, com gestos, que nome davam às vergonhas glabras, responderam "de-pi-lação". Os nossos não acertaram a pronúncia, pois quando dias depois Nicolau Coelho disse que queria "de-pi-lação" foi levado para um lugar afastado onde algo lhe aconteceu que ele nunca nos contou, mas obviamente não era o que esperava. As moças andam com os peitos destapados e os peitos são altos e roliços. Peito, na língua deles, é "silicone", se bem os entendemos.

Continua na página 2

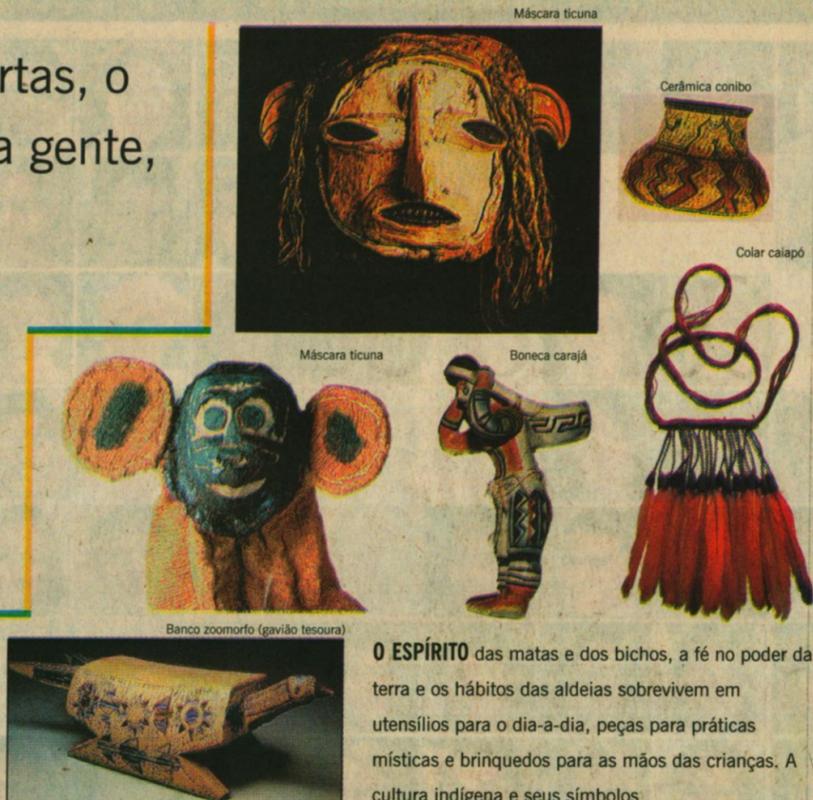
CERTIDÕES DE NASCIMENTO Nas cartas, o prodígio da natureza, a beleza da gente, o Cruzeiro do Sul. A nova terra

NOVA CARTA DO CAMINHA Continuação da capa

'O melhor que se pode fazer será salvar esta gente'

'Eles comem em construções chamadas mac-do-naldis'

♦ Aos poucos, usando a mímica, e já que todos eram extremamente amáveis, fomos aprendendo o linguajar do gentio e detalhes da sua vida e dos seus costumes. Eles comem em grandes construções chamadas "mac-do-naldis", ou refeitórios, e sua comida consiste em rodelas de carne moída entre pedaços de pão, às vezes com queijo, e nacos de um vegetal que ainda não conhecíamos, uma espécie de inhame chamado "fritas". Bebem um líquido preto, a "coca", ou cerveja. Vivem em construções de pedra de diversos andares mas muitos parecem morar em pequenas choupanas de metal enfileiradas, uma atrás da outra, chamadas "engarrafamento", e que, embora tenham rodas, não se mexem, pois não há cavalos para puxá-las. Outros vivem em casas mal construídas com tábuas e lata ou dormem ao relento mesmo, pois o clima é ameno e dispensa cobertor e teto. As casas de muitos andares são chamadas de "flat", "flat services" ou outras palavras que, estranhamente, lembram o inglês. O que levou Bartolomeu Dias a sugerir que os ingleses talvez tenham estado por aqui, o que nos pôs todos a rir, pois, como bem sabe Vossa Alteza, nem em 500 anos a Inglaterra se igualará a Portugal como potência marítima, ora tem piada. ♦ Eles usam uma espécie de dinheiro, que chamam de "porcaria", e aqui como em Portugal uma minoria tem muito e a maioria tem pouco. Com a diferença que aqui a minoria não é nobre, e portanto com o direito divino a ter muito, como em Portugal. O sistema de governo é monárquico e rei é chamado de "antônio carlos", mas quando pedimos para falar com o líder deles houve uma grande discussão, com alguns querendo nos levar para um lado e outros para outro, e concluímos que divergem sobre quem é o seu "antônio carlos". ♦ Eles parecem não ter religião, embora passem muito tempo sentados em volta de um tabernáculo do qual emana uma intensa luminosidade, e que chamam de "novela", mas quando o padre frei Henrique, a pedido do nosso capitão-mor, celebrou a primeira missa na praia poucos demonstraram interesse. Um dos nativos aconselhou o padre frei Henrique a modificar a liturgia para atrair o pessoal e na segunda missa nosso bom padre cantou e dançou e pediu para todos cantarem com ele, e o gentio veio e cercou o altar improvisado e mostrou grande devoção, mas roubaram a cruz. ♦ A terra, Senhor, é mui formosa. Águas são muitas, infindas, e em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem. Porém o melhor fruto que nela se pode fazer será salvar esta gente, mesmo que me pareça que para isso já é tarde. E por falar em salvar, peço que Vossa Alteza me faça a singular mercê de mandar vir da Ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro, e salvar um casamento. E assim partiremos desta vossa nova terra para Calicute, onde esperamos chegar antes dos ingleses. Todos menos o padre frei Henrique, que decidiu ficar e fazer carreira. Beijo as mãos de Vossa Alteza.



O ESPÍRITO das matas e dos bichos, a fé no poder da terra e os hábitos das aldeias sobrevivem em utensílios para o dia-a-dia, peças para práticas místicas e brinquedos para as mãos das crianças. A cultura indígena e seus símbolos

Debret (séc XIX)

Quatro relatos da chegada a estas terras

Documentos da frota e carta do rei são nossas certidões de nascimento

Pelo menos quatro documentos — o primeiro e mais importante, a carta de Pero Vaz de Caminha aos reis de Portugal, datada de 1º de maio de 1500, que inspirou Luis Fernando Veríssimo — informaram os europeus sobre a descoberta das novas terras. As cartas de Pero Vaz e a de Mestre João Faras — também datada de 1º de maio de 1500, escrita em Porto Seguro e enviada a Portugal juntamente com a carta de Caminha — têm seus originais preservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Portugal.

A carta de Caminha mostra o encantamento do escrivão da armada com a região e seus habitantes. Num trecho, relata como os visitantes, nos primeiros contatos, começaram a saber das riquezas da terra através de índios que levaram aos navios:

"...um deles pôs olho no colar do capitão e começou a acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata."

A carta do Mestre João é essencialmente um relato de natureza astronômico. Nela, pela primeira vez, descreve-se a constelação do Cruzeiro do Sul, que passará a servir de guia para os navegadores, e há uma determinação bastante correta da nova terra a 17 graus latitude Sul.

Dos outros dois documentos da descoberta das terras de Santa Cruz, preservaram-se os textos, mas não os papéis originais. Um deles é a "Relação do Piloto Anônimo", datada de julho de 1501 e escrita originalmente em italiano, publicada pela primeira vez em Vicenza, Itália, em 1507.

O quarto documento é a carta do rei de Portugal dom Manuel, enviada aos reis católicos da Espanha em 29 de julho de 1501. Escrita em castelhano após a volta de Pedro Álvares Cabral a Lisboa, é peça de diplomacia, destinada a garantir os direitos portugueses sobre as terras recém-descobertas de Santa Cruz. O original desta carta estava em Zaragoza, num arquivo que se perdeu em guerras. Nela, o rei diz que seu capitão pôs o nome de Santa Cruz nas terras "em que achou as gentes, mas como na primeira inocência, mansas e pacíficas". Elas são as certidões de nascimento do Brasil.

Filhos da terra

ESTIMA-SE que eram seis milhões, distribuídos em 1.400 tribos, de 40 famílias lingüísticas diferentes, quando os portugueses aqui chegaram. Com o início efetivo do processo de colonização, por volta de 1530, a escravização e a ocupação territorial levaram ao desaparecimento de 700 povos. Hoje, os índios são 330 mil.

1415
1709

1415
• Tomada de Ceuta, entreposto comercial árabe. Início da expansão comercial e marítima portuguesa.

1488
• Bartolomeu Dias contorna o Cabo das Tormentas (ou da Boa Esperança), atingindo a África Oriental.

1492
• Cristóvão Colombo descobre a América.

1494
• Tratado de Tordesilhas. Portugal e Espanha, dividem as regiões descobertas ou a descobrir.

1498
• Vasco da Gama chega a Calicute, na Índia.

22 DE ABRIL DE 1500
• Cabral avista o Monte Pascoal. Na manhã seguinte, o capitão Nicolau Coelho mantém contato com nativos. No

dia 26 é rezada a primeira missa.

1501
• Expedição de Américo Vespúcio. Em 1502, a coroa torna o comércio de pau-brasil monopólio português.

1532
• Martim Afonso de Sousa funda São Vicente, a primeira vila.

1534
• Início das doações

das Capitanias Hereditárias.

1535
• Donatário de Pernambuco, Duarte Coelho funda Olinda. O plantio da cana-de-açúcar iniciará o ciclo econômico na colônia.

1549
• Chegada de Tomé de Souza, primeiro governador-geral. Salvador, primeira capital.

1555
• Invasão francesa. Nicolas Villegaignon funda, na Baía de Guanabara, a França Antártica.

1565
• Estácio de Sá funda a povoação de São Sebastião do Rio de Janeiro. Em 1567 os franceses são expulsos.

1580 - 1640
• União Ibérica. Morto dom Sebastião, sem

herdeiros, Portugal fica sob controle de Felipe II, da Espanha.

1630-1654
• Domínio holandês em Pernambuco. Entre 1637 e 1644, Maurício de Nassau administra a região. Em 1645 inicia-se a Insurreição Pernambucana, que levará à expulsão dos holandeses.

FIM DO SÉCULO XVII
• Bandeirantes

descobrem ouro em Minas Gerais.

1695
• O Quilombo dos Palmares é destruído. Maior reduto de resistência à escravidão negra na América portuguesa.

1709
• Bandeirantes e emboabas (forasteiros) lutam pela exploração das minas. É a Guerra dos Emboabas.

A VIAGEM Aventura até o Brasil durou 44 dias. Depois, a frota seguiu para o Oriente e só voltou a Portugal em julho de 1501

Como Cabral chegou aqui

Partida de Lisboa rumo às Índias foi em 9 de março

Uma manobra marítima, conhecida na época como "volta do mar", trouxe a frota de Pedro Álvares Cabral até o litoral de Porto Seguro. Seguindo as instruções do navegador Vasco da Gama, que dois anos antes tinha contornado o continente africano e chegado a Calicute, Cabral teria usado esse recurso para evitar a difícil travessia a partir do Golfo da Guiné, em seu caminho rumo às Índias. Seguindo para sudoeste, na altura de Cabo Verde, a expedição afastou-se da costa africana para aproveitar correntes marítimas mais favoráveis.

Com 13 navios e 1.530 homens a bordo, entre nobres, religiosos, militares e marinheiros, a frota era o maior empreendimento naval da época. Liderada pela nau-capitânea, comandada por Cabral, a gigantesca cidade flutuante tinha um objetivo: impressionar – inclusive com o uso da força, se fosse preciso – o soberano (samorim) indiano para que negociasse com os portugueses a supremacia do comércio de especiarias. Apenas seis das 13 embarcações que deixaram Lisboa em 1500 retornaram a Portugal, um ano depois.

BRASIL

22 de abril - Quarta-feira

"E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos. Neste mesmo dia, a horas de véspera, houve vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!"



CAMINHA CONTA SUA HISTÓRIA

9 de março de 1500 - Segunda-feira

A frota de Pedro Álvares Cabral parte do Porto do Restelo, às margens do Rio Tejo, com destino às Índias. Prevista para o dia anterior, o início da expedição teve que ser adiado por causa dos ventos desfavoráveis. Quinze anos depois seria erguida no local a Torre de Belém, marco das viagens portuguesas e ponto de partida das expedições seguintes.



14 de março - Sábado

"...entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária. E ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas." As Ilhas Canárias foram uma escala estratégica na História do Descobrimento do Brasil. Serviram como um marco: a partir dali, a frota seguiu para sudoeste.

Ilhas Canárias

22 de março - Domingo

"...às 10 horas mais ou menos, houve vista das ilhas de Cabo Verde... Na noite seguinte à segunda-feira, ao amanhecer, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para poder ser!" A parte mais difícil da viagem estava para começar: entrando na região das calmaria equatoriais, onde quase não há ventos, a frota se arrastaria por cerca de dez dias.

Arquipélago Cabo Verde

Golfo da Guiné



21 de abril - Terça-feira

"E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando da dita Ilha – segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas – os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno." Próximo ao arquipélago de Abrolhos, ao sul de Salvador, a frota encontra sinais de terra próxima

Oceano Atlântico

Estudiosos afirmam que três navegadores podem ter chegado ao Brasil antes de Cabral: em 1498, o português Duarte Pacheco, numa missão secreta; nos primeiros meses de 1500, os espanhóis Vicente Pinzón e Diego de Lepe, em expedições diferentes

Fotos de José Luis da Conceição

VIVENDO COMO HÁ 500 ANOS Tribos que evitam contato são ameaçadas pelo avanço de madeireiros e garimpeiros

Índios arredios escolhem a mata

Grupos isolados mantêm distância 500 anos depois

Amaury Ribeiro Jr.

Enviado especial CORUMBIARA (RO)

Um índio arredio e solitário, de etnia desconhecida, que anda nu pelas florestas de Corumbiara (RO), está com seu destino nas mãos do homem branco. Em outubro, a Justiça Federal decidirá se mantém interdita uma área de 60 quilômetros quadrados, abrangendo partes de três fazendas, onde ele vive, mudando-se de um lugar para outro, na tentativa de fugir do contato com a civilização. O local foi interdito em 1996, a pedido da Procuradoria da República, que considerou o isolado ermitão o último remanescente de uma aldeia destruída.

Este sobrevivente, que tem bigodes, olhos bem puxados e cerca de 30 anos, reforça com a sua atitude uma tendência que vem sendo verificada em outros grupos isolados: ao contrário dos contatados pelos sertanistas até a década de 80, cada vez mais índios têm demonstrado querer manter distância. Eles vivem nas matas no coração do Brasil, são

brasileiros, mas não sabem o que é isso. Para eles, não se passaram 500 anos.

Em parte, essa tendência se deve à nova política do Departamento de Índios Isolados da Funai, que, ao contrário de outras épocas, os incentiva a continuar isolados.

— Somente fazemos contato se houver risco de vida. Isolamos a área para que eles se sintam seguros e nos procurem apenas quando ameaçados — afirma o chefe do departamento, Sidney Possuelo.

No caso do ermitão, há risco de vida por conta da ocupação da área, adverte o sertanista Marcelo dos Santos, chefe da frente de contato da Funai do Vale Guaporé (RO), que segue os rastros do índio desde 1996, quando ele foi visto pela primeira vez. Santos conta que já se aproximou da maloca do índio, que reage com violência ao contato.

Em 1998 o sertanista chegou bem perto, oferecendo-lhe presentes. O ermitão respondeu atirando uma flecha contra a equipe de Santos. Os presentes foram destruídos.

A história desse índio solitá-

rio reflete o drama dos 55 grupos indígenas arredios do país, parte deles ainda não contatados pela Funai. Afugentados pelas motosserras de madeireiros ou pelas armas de garimpeiros, esses índios vão sendo confinados a pequenas sobras de florestas e têm sua organização social destruída. Às vezes, quando a Funai estabelece contato, é tarde.

É o drama do pequeno grupo que sobrou das nações canoê e acu-tsun, contatadas em 1995. Perseguida por madeireiros, que chegaram a queimar suas aldeias, a nação acu-tsun está reduzida a seis membros: dois homens e quatro mulheres.

O drama não é menor entre os canoê, reduzidos a quatro índios: duas mulheres, um homem e um bebê. Líder dos últimos canoê, Tiramintu conta que mulheres da tribo se suicidaram depois do desaparecimento dos homens da aldeia, que podem ter sido mortos.

— As mulheres tiveram de aprender a caçar para sustentar os filhos — conta, por meio de um intérprete da Funai.



Os últimos

ÍNDIAS da tribo acu-tsun, reduzida a seis integrantes pela violência de madeireiros, desafiam o tempo: passados quinhentos anos da chegada dos primeiros portugueses, elas mantêm distância. A mata é sua casa. O Brasil deixa o século XX tendo ainda 55 grupos isolados ou que praticamente não fizeram contato. Mas o avanço sobre as florestas os ameaça

Lança misteriosa/Mestre Didi

RETRATO DO BRASIL 2000 Censo revelará a nova face em cores do povo brasileiro na virada para o terceiro milênio

O caldeirão étnico não pára de ser mexido

IBGE vai começar estudo demográfico em agosto

No Brasil dos Josés, Joões e Marias, que emprestam suas faces para formar o mapa da nação, o caldeirão étnico não pára de ser mexido. Previsão do IBGE para o Censo Demográfico de 2000 indica que brancos, negros e índios — raças fundadoras do mito nacional — cada vez mais se confundem no corpo social. O próximo inventário demográfico mostrará um Brasil de tom de pele ainda mais matizado, com quase metade da população definindo-se como fruto da miscigenação.

Brasileiros se misturam, se movem pelo território, se reorganizam em grupos, reavaliam sua fé e enfrentam os contrastes sociais — apesar da melhoria de alguns indicadores demográficos. Esse é o retrato do Brasil a ser revelado pelo IBGE a partir de agosto, quando começa o censo.

Mulatos, cafuzos, caboclos, mame-lucos, morenos, mas, nas fichas de sondagens do IBGE, são classificados de pardos. Em 1980, eram 39% da população. Em 11 anos, subiram quatro pontos percentuais, chegando a 43%. Para o chefe do Departamento de População e Indicadores Sociais do IBGE, Luiz Antônio Pinto de Oliveira, o crescimento continuará:

— A miscigenação sofreu poucas barreiras institucionais no Brasil; elas são mais sócioeconômicas e culturais. A tendência é de crescimento da relação inter-racial.

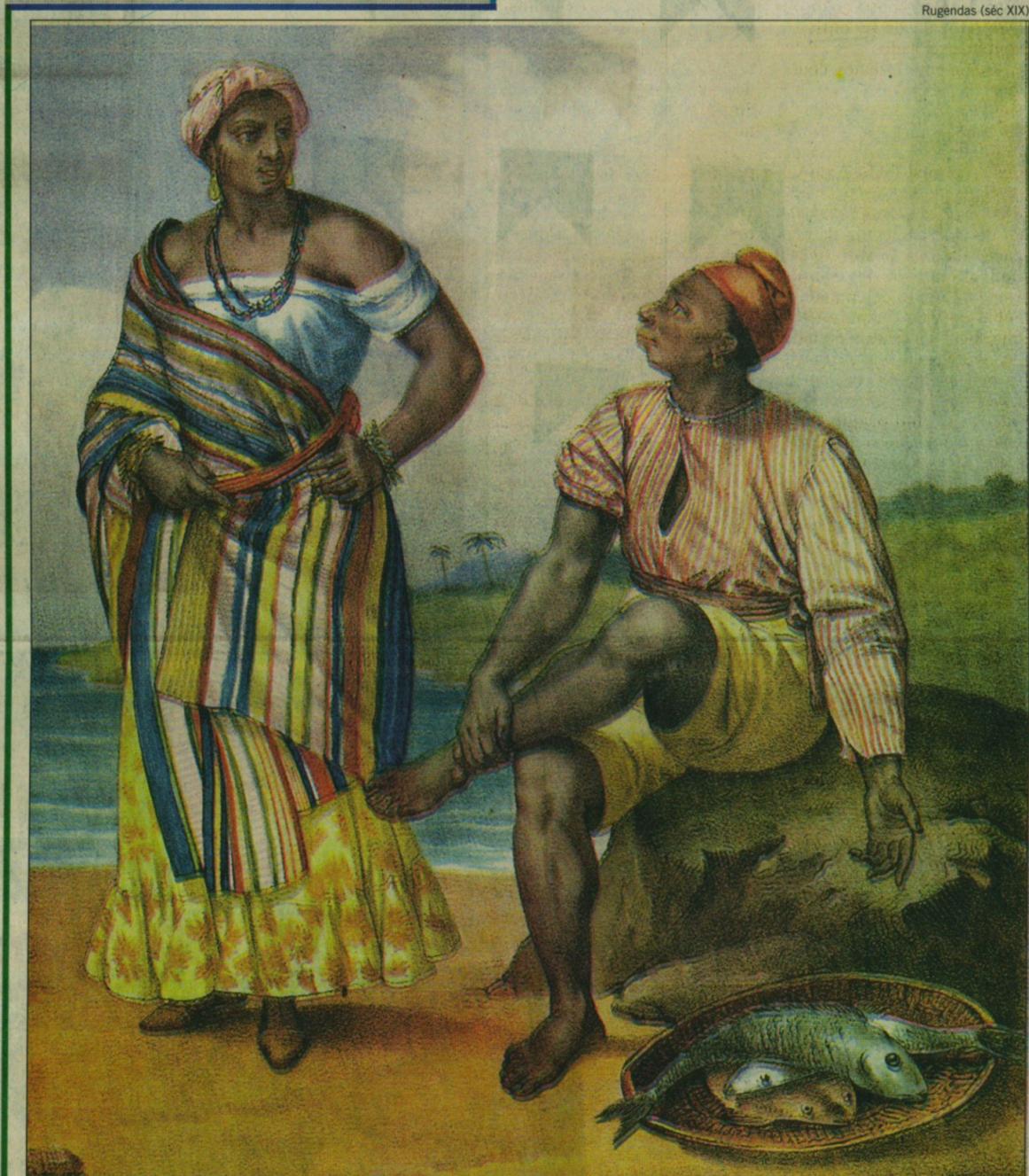
No Brasil mestiço, o imenso caldeirão étnico vem diluindo as três raças fundadoras do país. Em 1980, havia 54% de brancos e 5,9% de negros — o censo não contou a população indígena naquele ano. Onze anos depois, brancos eram 52% e negros, 5,1%. O IBGE contou 0,2% de índios.

— Mesmo nas aldeias, temos dificuldade de encontrar indígenas puros — diz Luiz Antônio.

Embora o IBGE espere mostrar no Censo 2000 que a migração interna se mantém intensa, a distribuição dos grupos étnicos ainda reflete o processo de ocupação histórico, 500 anos após o descobrimento. A população branca se concentra no Sul e Sudeste (áreas de forte migração européia), a população negra tem presença dominante no Nordeste e Sudeste (áreas de formação de antigas monoculturas) e a população parda (usando a expressão do IBGE) se espalha pelo país, com ênfase no Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

Num país marcado pela fé, uma tendência inusitada pode aparecer no próximo censo: sensível queda na religiosidade. Embora os cristãos continuem crescendo — devem atingir até 20% da população, com o provável declínio de católicos — o Brasil deverá ter número recorde de ateus e agnósticos. Mas o número de brasileiros sem religião, que saltou de 1,7% (1980) para 4,7% (91), pode não significar o declínio da fé.

— Descrentes não são exatamente agnósticos ou ateus. O povo pode estar se afastando de igrejas organizadas por decepção — diz Luiz Antônio.



Migrantes mudam rotas e cara do país

Nordestinos têm Palmas como alvo. Outros trocam São Paulo pela terra natal

Em busca de dias melhores, nossos Josés, Joões e Marias ainda botam o pé na estrada com fé. Mas parecem mudar de direção. Segundo o IBGE, o fluxo migratório do Nordeste em direção a São Paulo ainda é o mais importante

do país, embora em queda. Outras correntes migratórias estão crescendo, entre as quais o caminho de volta de São Paulo para o Nordeste (de 1991 a 1996, 170 mil nordestinos deixaram São Paulo rumo à terra natal) e o forte fluxo do Nordeste ocidental em direção ao entorno de Brasília, Tocantins (principalmente para a capital, Palmas) e algumas áreas de Goiás. E cidades nordestinas que outrora experimentaram esvaziamento, como João Pessoa, começam a crescer.

As tendências demográficas para o Censo 2000, se vistas isoladamente, podem indicar um país rumo ao Primeiro Mundo. Enquanto as taxas de mortalidade e de fecundidade da população estão caindo, aumenta o

número de idosos no Brasil. Todavia, a chefe da Divisão de Indicadores Sociais do IBGE, Ana Lúcia Sabóia, e a gerente de Análises Estruturais e Especiais da População, Nilza de Oliveira Martins Pereira, alertam que, por mais promissores que sejam estes dados, dificilmente se refletirão em curto prazo no quadro de desigualdades sociais do país.

Os técnicos do IBGE destacaram, por exemplo, a taxa de fecundidade, que chegou a 5,8 filhos por mulher em 1970. Caiu para 2,8 em 1991, e pode chegar a 2,3 este ano. A se manter neste ritmo, o país poderá simplesmente parar de crescer em 50 anos, ao atingir a taxa de dois filhos por casal.

No caminho inverso, o IBGE espe-

ra verificar, em 20 anos, que a população de idosos no Brasil continuará crescendo. Se em 1996 o Brasil tinha 5,37% de habitantes acima de 65 anos, esta proporção poderá saltar para 7,91% em 2020.

A taxa de mortalidade infantil, por sua vez, está caindo. Se em 1980 morriam 83,8 crianças no primeiro ano de vida, para cada mil nascidas vivas, o IBGE prevê para este ano a morte de 33,7 crianças para mil nascidas vivas.

Segundo as técnicas do IBGE, mesmo que estas melhorias repercutam no perfil socioeconômico nacional, o Brasil não mudará enquanto os 10% mais ricos continuarem a ganhar quase 20 vezes mais do que os 40% mais pobres.



Iemanjá



Emblema/Rubem Valentim



Roda de samba/Heitor dos Prazeres



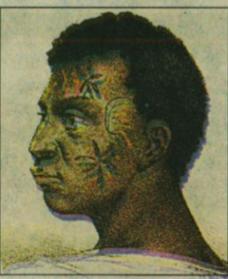
Xangô/Agnaldo M. Santos



Oxê Xangô

FÉ E RESISTÊNCIA juntas. Com deuses, música, dança e força, os filhos da mãe África inventaram um país: o Brasil de todos os santos, cores e esperança de liberdade e igualdade. Fruto da alma africana que não se deixou escravizar, esse Brasil é luminoso, mágico e guerreiro, como Xangô.

Rugendas (séc XIX)



Diáspora negra

Em 1559, a coroa portuguesa autorizou o tráfico regular de escravos para o Brasil, institucionalizando a prática. Mão-de-obra que sustentou a economia colonial, lutou contra o cativo em rebeliões como Palmares. Vieram para o Brasil principalmente sudaneses (iorubas) e bantos (angolanos, congos e moçambicanos). Até a extinção do tráfico, em 1850, estima-se (não há consenso) que tenham sido trazidos de três milhões a 13,5 milhões.

1719
1889

1719
• Primeiras casas de fundição. Portugal fixa a tributação em um quinto de todo ouro extraído. Em 1720, eclode a Revolta de Vila Rica contra essa tributação.

1750-56
• Destruição das missões jesuítas no Sul. Com o Tratado de Madri, a região — disputada com a Espanha — passa a

domínio português. Os jesuítas não aceitam. Tropas dizem guaranis e religiosos.

1789
• Inconfidência Mineira. Tentativa de romper os laços coloniais. Contra a cobrança de impostos abusivos, foi articulada pela elite da região. Tiradentes é enforcado.

1808
• Chegada da corte

portuguesa de dom João VI, expulsa da Europa por Napoleão.

1815
• Elevação do Brasil a Reino Unido a Portugal.

1822
• Independência. Fruto da aliança entre grandes fazendeiros escravistas, comerciantes e dom Pedro. Em 1824 é outorgada a primeira Constituição brasileira.

1824
• Confederação do Equador. Revolta republicana no Nordeste. Frei Caneca é fuzilado (1825).

1831
• O absolutismo de dom Pedro I abala a aliança que o levava ao poder. Ele abdica em favor do filho, então com 5 anos. Início do período regencial. Em 1840 antecipa-se a maioria para Pedro II assumir.

1835 — 1845
• Rebeliões contra a centralização política sacodem o Império: Cabanagem (Pará), Farroupilha (Rio Grande do Sul), Sabinada (Bahia), Balaiada (Maranhão e Piauí).

1835
• Revolta dos escravos malês na Bahia.

1847
• Chegada dos primeiros imigrantes

européus para trabalho em fazendas de café.

1850
• Proibição do tráfico de escravos.

1865 - 1870
• Guerra do Paraguai. Mais longo e violento conflito militar da América do Sul. Com apoio financeiro da Inglaterra, Brasil, Argentina e Uruguai (Tríplice Aliança) arrasam o Paraguai.

1888
• Lei Áurea. Fim da escravidão.

1889
• Proclamação da República. O Exército tem o apoio dos barões do café e da nascente classe industrial urbana para a derrubada da monarquia. O marechal Deodoro da Fonseca é o primeiro presidente. A primeira Constituição da República será promulgada em 1891.

REFLEXÃO SOBRE O PASSADO Nas salas de aula, personagens de um Brasil que, para muitos, começou antes de 1500

Histórias que vão recontando a nossa História

A procura por heróis e episódios quase esquecidos

O alfaiate Luiz Gonzaga das Virgens, a ialorixá Menininha do Gantois, o guerreiro guarani Sepé Tiaraju, o deus Ngutapa. O Brasil redescobre, em salas de aulas, heróis, personagens e episódios esquecidos, ou raramente recontados. É o espírito dos 500 anos que os traz de volta. Em Salvador, um projeto do Bloco Ilê Aiyê ensina a crianças do bairro da Liberdade — o de maior percentual de população negra da capital — uma história do Brasil que não começa em 1500, mas na África. Criado para 80 alunos da 1ª à 3ª séries da Escola Mãe Hilda, foi adotado pela rede pública e levado a três mil alunos.

— Estamos abrindo o livro de nossas vidas — diz o presidente do Ilê Aiyê, Antônio Carlos dos Santos Vovô, enquanto folheia um de seus cadernos de educação.

Neles, as crianças da Liberdade descobrem que no século XVI, quando os portugueses chegavam ao Brasil, o Império Mali florescia poderoso na Guiné. E encontram personagens como Luiz Gonzaga das Virgens, um dos mártires da Revolta dos Búzios, ou Revolta dos Alfaiates (Bahia, 1798), que queria a independência. Ele ressurgiu como herói, tal qual os infidentes mineiros. Mas não pára aí. No livro, a cultura negra é História: estão lá os músicos Jackson do Pandeiro e Batatinha, os capoeiristas Mestre Bimba e Mestre Pastinha, a ialorixá Menininha do Gantois.

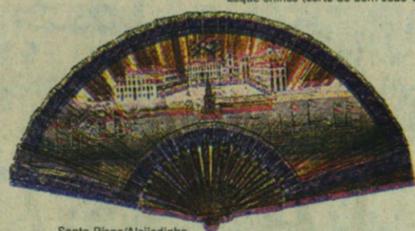
Esse mesmo espírito move caingangues e guaranis do Alto Uruguai e das Missões (RS). Nas escolas de suas aldeias, as aulas têm um herói pouco conhecido fora do Sul: o guerreiro Sepé Tiaraju. Foi no cenário das missões jesuíticas que Sepé liderou os guaranis em uma insurreição contra o domínio colonial, de portugueses e espanhóis, entre 1756 e 1767.

Mas não é só de histórias de lutas que essa História é refeita. No Amazonas, redescobrir o passado — quase um dever de casa para o jovem Wiicci, de origem ticuna — é principalmente recuperar seus mitos. Para os ticuna, os índios vinham da água:

— Ngutapa (Deus) pescava os homens usando macaxeira como isca. Ele ia tirando os índios do rio — diz o jovem, que participa de um curso de formação de líderes indígenas.

Nessa recuperação de histórias, algumas tribos começam a botar o que descobrem no papel. Os sateré-mawe escreveram "Cultura, ambiente e sociedade sateré-mawe". Descrevem em sua língua o dia-a-dia nas aldeias, costumes ancestrais e o que mudou desde a chegada de Cabral. Eles descobriram que sua língua também é sua pátria e sua história. No Amazonas, há 63 idiomas indígenas conhecidos. Outros se perderam.

— Não existe mais quem fale ou conheça o mura, por exemplo. Perdeuse a cultura e a história — explica Arlete Bonfim, do Programa Pira-Yawara, para preservação da cultura indígena na Amazônia.



Estilo Regência

Leque chinês (corte de dom João VI)



Moeda (ocupação holandesa)

Arte popular

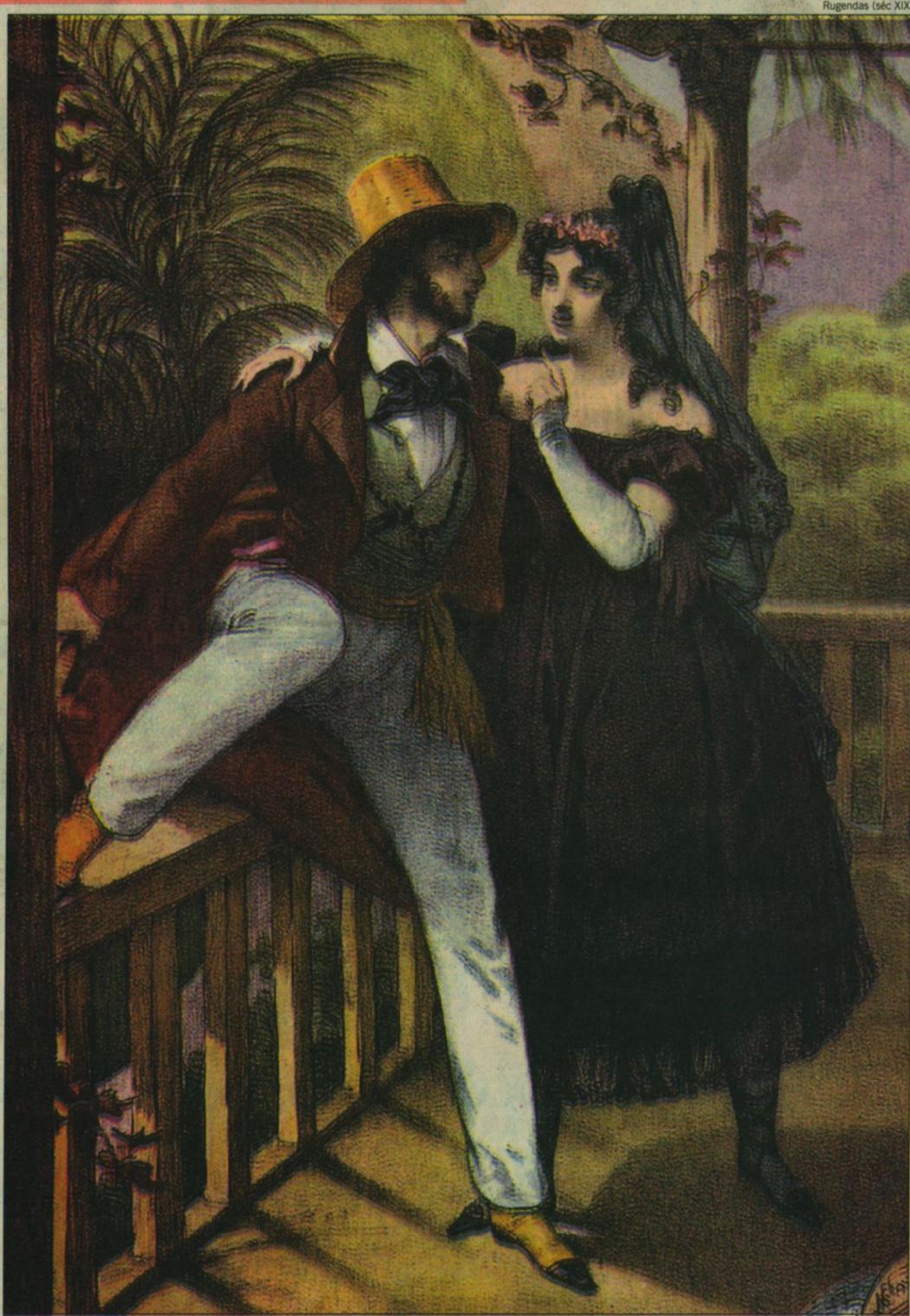
Santo Bispo/Aleijadinho

Moeda portuguesa

Bandeira de Portugal (1139-1521)



Rugendas (séc XIX)



Caipira/Almeida Júnior

Henrique Bernardelli (detalhe)

Tão perto e tão longe da alma lusitana

Escritor português analisa o que aproxima e o que afasta as duas culturas

Alfredo Leite

Especial para O GLOBO

Um dos mais lúcidos intelectuais portugueses, Eduardo Lourenço, que já ganhou o Prêmio Camões, disse um dia que não pensava morrer sem elucidar algumas questões da relação entre Portugal e Brasil. Uma curiosidade — talvez parecida com a de um pai pelo destino do filho um tanto distante ou a de um irmão por outro, separados pelo tempo — faz os portugueses lançarem o olhar sobre o Atlântico e perguntarem: o que nos aproxima, o que nos afasta?

— Estive no Brasil nos anos 50 e isso permitiu-me um conhecimento mais vivido. Desde então, acompanho o discurso cultural do Brasil. Um discurso que os brasileiros têm sobre eles próprios e, no interior dele, o lugar que reservam a Portugal.

Para ele, a expressão "país irmão" tem um sentido claro, que perdura. No plano político, lembra, depois da vinda de dom João VI, Portugal e Brasil eram dois reinos com um só soberano. Mas esse laço, começou antes, já no Descobrimento, e sobreviveu à dissolução política:

— A expressão "país irmão" justifica-se porque o Brasil é criação histórica de um Portugal específico, o Portugal do século XVI. Quando os portugueses entram em contato com os índios, nasce ali um fenômeno que será sempre difícil de explicar.

Lourenço não vê complexo do Portugal do século XX em relação à ex-colônia. Diz até que seria lógico que houvesse ("O Brasil tornou-se num país imenso"), mas lembra a importância da contribuição portuguesa na formação cultural brasileira.

— Parte da cultura brasileira, pelo menos até fins do século XIX, está ligada à nossa cultura. São a mesma cultura de um lado e do outro do Atlântico. Nestes tempos mais recentes, não há dúvida de que o Brasil tem uma cultura própria e que cada vez mais seu modelo se afasta do modelo comum com o nosso e tem, cada vez mais, um horizonte original. A cultura brasileira tornou-se, na segunda metade do século XX, uma cultura com uma singularidade extraordinária, que tem pouco a ver com a maneira como a cultura portuguesa funciona. E cada vez mais se afastarão uma da outra, cada vez mais a cultura brasileira se aproximará da América do Sul e, provavelmente, ainda mais dos EUA.

Os que vieram após Cabral

Três décadas após a descoberta, Portugal iniciou de fato a ocupação da nova terra. A primeira expedição colonizadora (1531) foi liderada por Martim Afonso de Sousa, com 400 pessoas a bordo de cinco embarcações. Primeiro, Portugal fundou vilas no litoral. Construiu engenhos, plantou cana. Mais tarde, rumo ao interior, buscou ouro. O mapa do Brasil ganhou forma nos passos dos portugueses



1896-2000

1896-97

• Guerra de Canudos. O Exército arrasa o arraial de Antônio Conselheiro e seus seguidores.

1922

• Revolta do Forte de Copacabana. Primeira reação mais organizada, liderada por tenentes, contra o regime da República Velha.

1924

• Levantamentos tenentistas em São Paulo e Manaus.

O primeiro dá origem à Coluna Prestes.

1930

• Crises econômica (queda dos preços do café) e política (vitória de Júlio Prestes nas eleições) são o pano de fundo da Revolução de 30. Liderada por Getúlio Vargas, marca o fim da República Velha.

1932

• Eclode a Revolta Constitucionalista (SP).

1935

• Intentona Comunista. Contra o Governo Vargas, liderada por Luís Carlos Prestes.

1937-1945

• Estado Novo. Vargas impõe regime ditatorial. Outorga uma Constituição. Estabelece a censura. Na economia, cria o salário-mínimo e a Consolidação das Leis do Trabalho.

1944

• Brasil na II Guerra.

1945

• Vargas é deposto.

1950-54

• Eleito, Vargas volta ao poder. Denúncias de corrupção e atentado a Carlos Lacerda minam o Governo. Suicídio de Vargas.

1954

• Posse de JK. Em 60, inaugura Brasília.

1961

• Renúncia de Jânio

Quadros. Posse do vice, João Goulart, mas o governo é exercido por um primeiro-ministro, Tancredo Neves. Em 63, plebiscito decide pelo presidencialismo.

1964

• Golpe militar derruba Goulart.

1968

• Movimentos estudantis contra o regime. Baixado o AI-5. Militares fecham o

Congresso. Censura, repressão política e exílio. A radicalização levará grupos de oposição à luta armada.

1979

• Posse do general Figueiredo. Greves no ABC paulista. Assinada a Lei da Anistia.

1984

• Nas ruas, pede-se Diretas Já. Mas a eleição é indireta. Tancredo é escolhido,

mas morre antes da posse (85). Assume o vice, José Sarney.

1989

• Primeira eleição direta para presidente. Fernando Collor vence Lula. Em 92, é afastado por corrupção. Assume o vice, Itamar Franco.

1994

• Eleição de Fernando Henrique Cardoso, que vence Lula. Quatro anos depois, é reeleito.

REFLEXÃO SOBRE O PASSADO Estudiosos buscam novos ângulos da História brasileira e, assim, rediscutem o país

O Brasil de olho em si mesmo

Livros e seminários redescobrem nossa História

Mãya Millen

O Brasil pensa o Brasil. Livros, teses, seminários. A agenda do ano 2000 é a do Redescobrimto. Há pelo menos dois anos publicações sobre os 500 anos de nossa História começaram a invadir as vitrines das livrarias. Para a historiadora Mary Del Priore, professora da Universidade de São Paulo (USP) e da PUC-RJ, o que deu início ao *boom* de ensaios e eventos não foi a aproximação da festa da chegada da esquadra portuguesa ao Brasil, mas as comemorações da descoberta da América por Cristóvão Colombo em 1492. A partir dos festejos nos Estados Unidos e na Europa, em 1992, as comunidades acadêmicas começaram a refletir sobre o encontro de duas culturas e os temas ainda atuais, cinco séculos depois: exclusão, intolerância, mestiçagem.

— As publicações não aumentaram em função da simples comemoração dos 500 anos, mas porque os temas embutidos são importantes. A data permite que nos descubramos. Que nos vejamos, por exemplo, como mestiços que somos — reflete Mary.

O historiador Ronaldo Vainfas, da Universidade Federal Fluminense, destaca nesse *boom* o interesse por novos ângulos da história:

— Vejo a curiosidade de se estudar, por exemplo, as culturas africanas, sobretudo as de origem banto, majoritária na formação do Brasil. O mesmo acontece, mas em menor escala, em relação às culturas indígenas — diz Vainfas, autor de “A heresia dos índios” e “Trópico dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil”.

Embora o foco de análise esteja sendo ampliado, os historiadores admitem que há lacunas. Vainfas cita a carência de estudos sobre a religiosidade na formação da nação. Mary, autora de “Revisão do paraíso — Os brasileiros e o Estado em 500 anos de História”; “Esquecidos por Deus — Monstros no mundo moderno” e “A mulher no Brasil Colônia”, se queixa de que os estudos estão concentrados no eixo Rio-São Paulo.

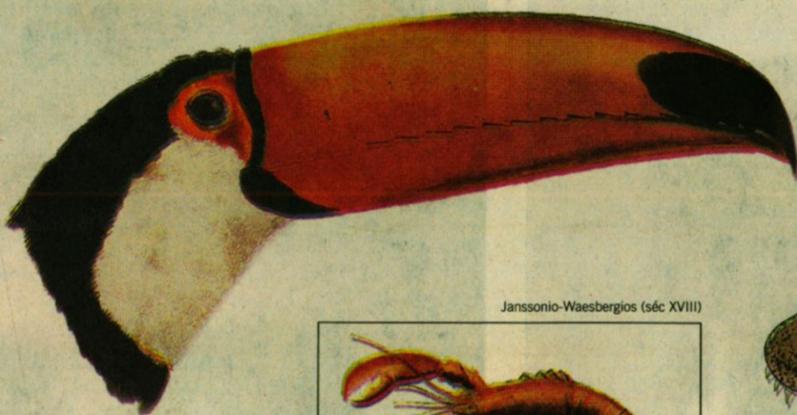
Martha Rossetti Batista, coordenadora da Comissão Executiva Brasil 500 Anos da USP, conta que estudiosos de todas as áreas da universidade foram incentivados a se debruçar sobre a História do país e a produzir novos estudos. São especialistas de ciências distintas como história, oceanografia, engenharia e botânica:

— O pessoal da área científica não olhava para sua própria história. Pensava em 500 anos como caravelas e Cabral, sem perceber quantas contribuições o Brasil deu ao mundo na área tecnológica, ao longo desses cinco séculos. Assim, a engenharia pesquisou a história do país nesse setor. Essa produção vai virar livro e seminário.

José Murilo de Carvalho, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Carlos Guilherme Mota, do Instituto de Estudos Avançados da USP, têm um olhar cético em relação ao impacto nas universidades:

— Houve um grande interesse popular, despertado pelos livros de Eduardo Bueno (a coleção “Terra Brasilis”, da Editora Objetiva), mas não vi muitas coisas novas nas pesquisas universitárias — diz Carvalho.

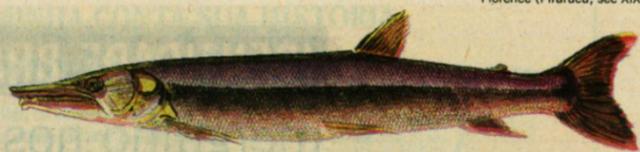
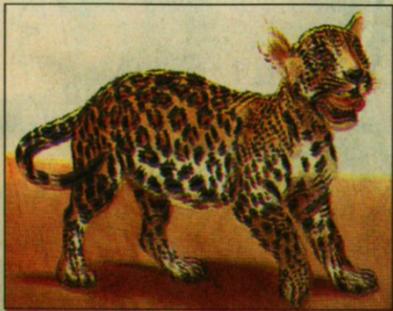
Mota, organizador da recém-lançada “Viagem incompleta — A experiência brasileira 1500/2000”, aponta um lado positivo nessas publicações mais populares: o aumento do interesse de segmentos sociais — negros, índios, mulheres, idosos, homossexuais — em conhecer sua própria história.



Janssonio-Waesbergius (séc XVIII)

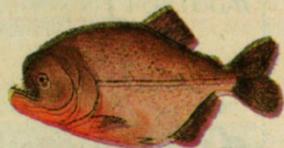


Florence (séc XIX)



Florence (Pirarucu, séc XIX)

Landi (Piranha, séc XVIII)



Coombe Croft (séc XIX)



Landi (Banana, origem asiática, séc XVIII)



Eckhout (Ananás, séc XVII)

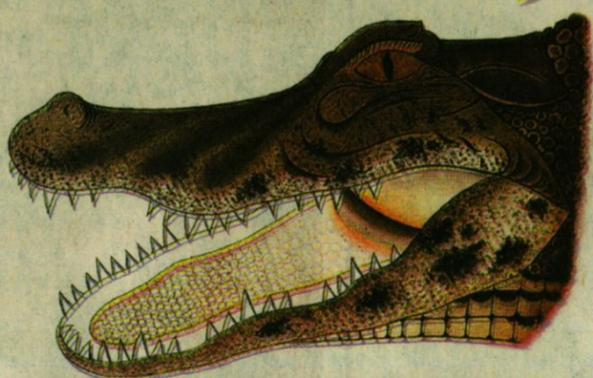
Taunay (Tucanuçu, séc XIX)



M. Werner (Papagaio, séc XIX)



Landi (Jacaré-açu, séc XVIII)



O olhar estrangeiro sobre a Terra Brasilis

PARAÍSO NATURAL, o Brasil atraiu o olhar curioso dos europeus. No amanhecer de 1500, tudo era assombro e mistério: aves exóticas, peixes desconhecidos... O colonizador colheu os frutos da terra e plantou novos, vindos de fora. A paisagem rara foi registrada e divulgada pelo traço de visitantes, artistas e cientistas, ao longo dos cinco séculos. A riqueza natural virou marca da nação

Época colonial chama atenção de historiadores

Período inicial da formação do Brasil é o carro-chefe da renovação historiográfica

Na redescoberta da História brasileira, os pesquisadores reconhecem que um período em especial tem merecido mais atenção: o Brasil Colônia.

— Ele conjuga dois desafios: o trabalho de pesquisas com fontes manuscritas e uma abordagem que permite visitar temas já consagrados pela historiografia internacional: a história da sexualidade, da vida privada, da família, da mulher e também das interpenetrações culturais, das estratégias de mestiçagem, das transgressões. O resultado são obras muito atraentes — explica Mary Del Priore, professora da USP e da PUC-RJ.

— Nos anos 60 e 70 predominou um ensaísmo de viés economicista muito prejudicial à pesquisa histórica. Dos anos 80 para cá o quadro mudou bastante e o período colonial tem sido o carro-chefe da renovação historiográfica do Brasil. Fontes da Igreja e da Inquisição têm sido mais pesquisadas, por exemplo — lembra o historiador Ronaldo Vainfas, da Universidade Federal Fluminense.

Para Carlos Guilherme Mota, da USP, a explicação para essa atração vem atrelada à procura da identidade herdada desse período:

— A busca do passado é comandada pelos projetos e pelos embates presentes. Vamos buscar lá atrás a explicação para o hoje — explica ele.

IDENTIDADE BRASILEIRA A mistura de raças, a luta pelo território, o mergulho nos grotões, o jeitinho para sobreviver, a luta contra a exclusão e a fé no próprio destino. Na literatura, retratos do povo

Outros descobridores

A alma do país revelada pelos grandes escritores brasileiros e seus personagens

Gustavo Stephan



Gustavo Stephan



Chico Otavio

Na galeria dos heróis descobridores do Brasil, não há lugar apenas para os Cabrais e os Caminhas. Pela rota das palavras, navegaram outros exploradores. Personagens como Bentinho, Policarpo, Riobaldo, Ana Terra e Macunaíma, mesmo antes das primeiras formulações das ciências sociais sobre a identidade nacional, ajudaram o país a descobrir os contornos de seu território e a cara de seu povo.

Se 500 anos não foram suficientes para concluir a travessia rumo à construção de uma identidade nacional, os navegadores da palavra não nos deixaram à deriva. Para além das terras desbravadas pela investigação social de Gilberto Freyre, em "Casa-grande & senzala", e Sérgio Buarque de Holanda, em "Raízes do Brasil", esses personagens revelam aos brasileiros o país da mistura de raças, da luta pelo território, do mergulho nos grotões, do

jeitinho para sobreviver, da exclusão e da fé no seu próprio destino.

— Os escritores são intérpretes do Brasil antes da investigação científica. Lima Barreto, antes de existir estudos sobre a cidade. Machado de Assis, antes da história da vida cotidiana. Euclides da Cunha, antes da antropologia. E Guimarães Rosa, ao contar, na história do sertão mineiro, a história das grandes questões do homem — afirma a professora de letras Beatriz Resende.

Para além dos Cabrais e dos Caminhas

Para descobrir o Brasil pelos mares da literatura, cada um deles traçou a sua própria rota. Uma delas começou na mata virgem, passou pela cidade grande e terminou no "campo vasto do céu" para apresentar ao país um herói que, apesar de não ter rosto definido, é um retrato do Brasil: Macunaíma, o herói sem caráter de Mário de Andrade.

— Com Macunaíma, Mário consegue desgeografizar o Brasil. O personagem se desloca no espaço e faz um amálgama esquisito, que é

o próprio país. Por isso, é herói sem caráter. Ele não tem uma cara. Tem muitas. É a síntese ficcional do autenticamente brasileiro — diz a historiadora Margarida de Souza Neves.

Para a psicanalista Marina Durand, Macunaíma é símbolo brasileiro porque sua conduta pode ser encontrada no dia-a-dia do país, onde as relações cotidianas estão marcadas pelo jeitinho, uma forma quase inofensiva de burlar a lei para resolver um problema:

— O jeitinho é uma conduta do indivíduo que procura se acomodar a uma situação perversa, que o induz a atos ilegítimos por não permitir uma saída íntegra. Isso é Brasil, um país onde falta um princípio ordenador. Este é o traço que define o caráter brasileiro.

Enquanto Macunaíma transita entre a mata e a metrópole em sua saga, outro herói incorpora a utopia da unidade nacional sem sair do Estado do Rio. Em "O triste fim de Policarpo Quaresma", Lima Barreto lança seu personagem à aventura de viver mitos nacionais: ao defender a adoção do tupi-guarani, a pureza indígena; depois, ao plantar no interior, a terra fértil; em seguida, ao alistar-se, o ideário republicano e seu sonho de modernidade.

— Policarpo passa por tudo. É burocrata,

índio e louco. Homem do campo e militar. E, quando tem uma visão crítica, se rebela e aí morre — explica Beatriz Resende.

Mergulho à procura do espírito da nação

Intérprete do tropicalista Macunaíma e do quixotesco Policarpo no cinema, o ator Paulo José não vê no radicalismo ufano do herói criado por Lima Barreto com relação às coisas do Brasil — Policarpo insistia em substituir a língua portuguesa pelo tupi-guarani — uma bobagem. Paulo lembra que, nos primeiros dois séculos após o descobrimento, a língua geral falada no Brasil era exatamente a dos índios, que desapareceu.

Outra rota de descobrimentos leva os brasileiros aos limites do país. "O tempo e o vento", de Erico Verissimo, encara a fronteira como um espelho. Na saga da família Cambará, ao olhar o outro, os que estão do lado de lá, os brasileiros passam a se reconhecer brasileiros.

Nascida em São Paulo, Ana Terra, um dos principais personagens, parte com a família para o Sul e, depois de uma tragédia — são

Macunaíma

AO MESMO TEMPO Índio, branco e negro, "Macunaíma, o herói sem nenhum caráter", escrito pelo modernista Mário de Andrade (1893-1945), é uma representação do mestiço povo brasileiro. O herói, indefinido, sem rosto, nasce na mata e parte para a cidade em busca de seu talismã perdido. Mário bebeu na fonte da cultura popular, folclórica e tradicional. Cria a metáfora de uma nação que não atingiu a maturidade, mas busca um modelo de civilização a partir do ócio, e não do trabalho. Do místico, e não do racional.

Policarpo Quaresma

COM "TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA", Lima Barreto (1881-1922) dá à luz quase uma versão brasileira de Dom Quixote. O personagem é pequeno, ingênuo e ridículo, mas simpático e sonhador. O cenário é um país que acaba de ingressar na era republicana. Policarpo experimenta uma série de desilusões com o patriotismo e acaba pagando com a morte a solidariedade ao próximo. Sua trajetória revela a busca por um sentido de nação e suas preocupações com a grandeza de uma pátria verde-amarela.

O tempo e o vento

ERICO VERISSIMO (1905-1975) capta em "O tempo e o vento" algo da essência da vida na parte sul do país, no talvez maior romance épico da literatura brasileira. O livro conta 200 anos de história da família Cambará, iniciada com a chegada de Ana Terra e seus parentes àquelas terras no século XVIII. De certa forma, esta trajetória corresponde à própria história do Rio Grande do Sul. Ao narrar a ascensão e a decadência de uma família, Erico descreve a saga de uma gente que confunde o seu destino com o da própria nação.

Os sertões

ESCRITO POR Euclides da Cunha (1866-1909), "Os sertões" é um livro-reportagem, um clássico que retrata a Guerra de Canudos, no sertão baiano. Antes de ser destruído, em 1897, o arraial fundado por Antônio Conselheiro derrotou uma expedição de forças policiais e duas de tropas do Exército. Euclides foi para Canudos como enviado do jornal "O Estado de S. Paulo" e, cinco anos após retornar, descreveu a miséria na caatinga, a força do sertanejo e a queda do arraial que incomodava as elites da época.

Grande sertão: veredas

UM JAGUNÇO cheio de dúvidas e angústias é o personagem-narrador de "Grande sertão: veredas", romance publicado em 1956, em que Guimarães Rosa (1908-1967) reinventa o regionalismo e dá transcendência ao mundo sertanejo. O livro é um monólogo ou um diálogo de Riobaldo com um interlocutor imaginário. São lembranças das incertezas e culpas provocadas pelos sentimentos confusos que teve por outro jagunço de seu bando, Diadorim (uma mulher disfarçada de homem).

Dom Casmurro

TIDO POR MUITOS como o maior escritor brasileiro, Machado de Assis (1839-1908) lançou "Dom Casmurro" em 1900. O cenário é o Rio de Janeiro da segunda metade do século passado. A história gira em torno do casamento de Bentinho e Capitu, a mulher dos "olhos de cigana oblíqua e dissimulada", ou dos "olhos de ressaca", que arrastam "como a vaga que se retira da praia". É o romance de uma dúvida: se Capitu traiu Bentinho com Escobar, o melhor amigo do marido. Machado deixa a resposta em aberto.

Uma face, muitas faces

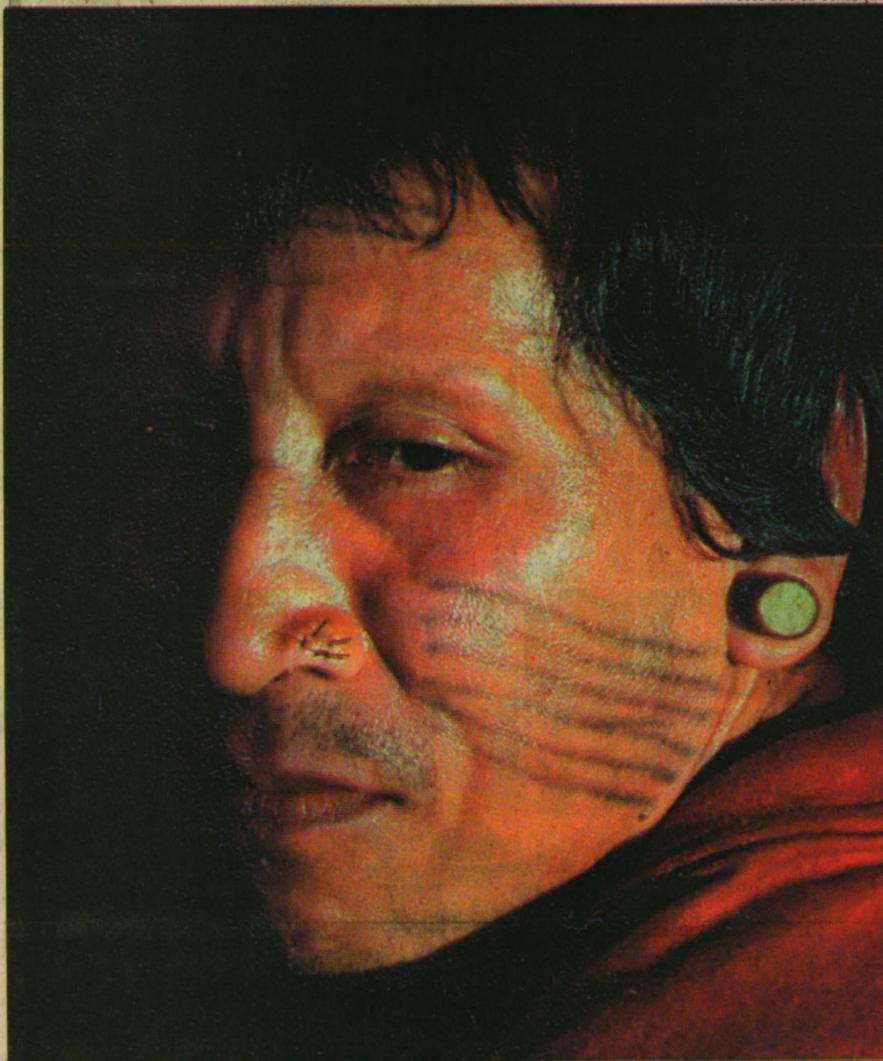
"Não se sabia onde nascera, mas não fora decerto em São

Paulo, nem no Rio Grande do Sul, nem no Pará. Errava quem quisesse encontrar nele qualquer regionalismo; Quaresma era antes de tudo um brasileiro. Não tinha predileção por esta ou aquela parte de seu país (...) era tudo isso junto, fundido, reunido, sob a bandeira estrelada do Cruzeiro".

("Triste fim de Policarpo Quaresma", de Lima Barreto)



José Luis da Conceição



massacrados pelos castelhanos —, segue com uma caravana, carregando a tesoura que pertencia à mãe.

— Ana Terra é a personagem que melhor representa a nossa fronteira. A tesoura da mãe, que ela usa para fazer partos, é uma metáfora. Com a tesoura, Ana vai dar vida aos brasileiros, encher de gente aquele pedaço do país — diz o escritor Doc Comparato.

Travessia num mar de histórias sem fim

A busca pela terra prometida — esse traço do caráter nacional — está viva também em "Os sertões", de Euclides da Cunha, a história da formação e destruição do arraial de Canudos. Para a professora de literatura Walnice Nogueira Galvão, ali aparece, talvez pela primeira vez, o drama da exclusão social, nos sertanejos que migraram para o sertão baiano em busca de conforto espiritual.

— O que se vê na obra de Euclides é um quadro brutal de desigualdades, um Brasil mal dividido entre os que tinham muito e os que não tinham nada. O que ele captou como uma definição do caráter brasileiro foi conflito, drama e tragédia — diz.

A relação intensa do homem brasileiro com a fé, vista em Canudos, é retomada, com outras cores, em "Grande sertão: veredas". Deus, diabo. Sim, não. Bem, mal, num diálogo interior.

Brasileiros divididos sobre o que são emergem do mergulho de Guimarães Rosa na alma do país: o jagunço Riobaldo, angustiado em sua paixão, e Diadorim, o companheiro de bando, que esconde quem é.

— A história se passa na República Velha, quando vigoravam valores arcaicos. Diadorim quer ser algo diferente do que é. E, só se re-

conhece sua verdadeira identidade, a de mulher, quando já está morta. Será que só vamos nos reconhecer como brasileiros quando deixarmos de existir como tais? — pergunta a historiadora Heloísa Starling sobre essa busca incessante de uma identidade.

Enquanto Guimarães percorreu os grotões, Machado de Assis penetrou nas profundezas da alma urbana. Embora em "Dom Casmurro" a questão central seja o ciúme de Bentinho e a dúvida se Capitu o traiu, Machado é o retratista de uma classe, uma cidade, um país, sempre em busca de um modelo.

— Os tipos mostrados por Machado talvez sejam o exemplo mais notório de gente que combina ambição social e imitação de modelos estrangeiros, o anseio de estar na onda, de ler (ou pelo menos assinar) as revistas mais chiques, de construir os palacetes ao estilo francês que ainda se encontram em Botafogo e outros bairros cariocas etc. Ou os políticos que enchem os discursos de citações de autores franceses e ingleses — diz o crítico inglês John Gledson.

Ex-seminaristas, jagunços, militares, índios e outros descobridores de Brasil, como a Emília e o Visconde de Sabugosa de Monteiro Lobato, a Gabriela de Jorge Amado, a Macabéa de Clarice Lispector. Como esboçar um retrato único a partir de tantos rostos? A procura pelo porto seguro de uma identidade nacional está só começando. E a professora Beatriz Resende lembra que é uma tarefa sem fim: por ocasião da construção do prédio do antigo Ministério da Educação e Cultura, no Rio, o ministro Gustavo Capanema encomendou uma estátua para representar o homem brasileiro. Mário de Andrade, que o assessorava na época, cuidou pessoalmente do assunto e reuniu escultores para discutir o modelo.

A estátua nunca foi feita.

Terra da promessa

"Vinham de todos os pontos, carregando os haveres todos; e,

transpostas as últimas voltas do caminho, quando divisavam o campanário humilde, caíam genuflexos sobre o chão aspérrimo. Estava atingido o termo da romagem. Estavam salvos da pavorosa hecatombe, que vaticinavam as profecias do evangelizador. Pisavam, afinal, a terra da promessa".

(Euclides da Cunha em "Os sertões")



Crescer e multiplicar

"Ao cortar mais um cordão umbilical, viu em pensamentos a

face magra e triste da mãe. A criança veio ao mundo roxa e muda, meio morta. Ana segurou-lhe pelos pés, ergueu-a no ar, de cabeça para baixo, e começou a dar fortes palmadas nas nádegas até fazer a criaturinha berrar (...). Desde esse dia Ana Terra ganhou fama de ter 'boa mão'..."

("Ana Terra", de "O tempo e o vento", Erico Verissimo)



O caráter do herói

"Ai! que preguiça!"

"Não foi por querer não... quis contar o que tinha sucedido pra gente e quando reparei, estava mentindo"

"Valei-me Nossa Senhora/Santo Antônio de Nazaré/A vaca mansa dá leite/A braba dá si quisé."

("Macunaíma, o herói sem nenhum caráter", de Mário de Andrade)



O eu, os outros

"A alegria com que pôs o chapéu de casada, e o ar de

casada com que me deu a mão (...), tudo me mostrou que a causa da impaciência de Capitu eram os sinais exteriores do novo estado. Não lhe bastava ser casada entre quatro paredes e algumas árvores; precisava do resto do mundo também. E quando me vi embaixo, pisando as ruas com ela, parando, olhando, falando, senti a mesma coisa." ("Dom Casmurro", Machado de Assis)



Nos grotões

"Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apego nenhum,

sem pertencências. Comigo as coisas não têm hoje, ant'ontem, amanhã: é sempre. Sozinho sou, sendo sozinho careço, sempre nas estreitas horas — isso procuro" (...)

"Oi, Diadorim belo, feroz. Ele conhecia os caminhos! Diadorim era a neblina. Diadorim duro, sério, tão bonito no relume das brasas." ("Grande sertão: veredas", Guimarães Rosa)



Quinhentos brasileiros, nascidos em todos os 26 estados, foram fotografados para esta capa nas ruas de cidades do Rio de Janeiro, Amazonas, Bahia, Distrito Federal, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina. São eles (da esquerda para a direita, de cima para baixo):

Emilia da Conceição Correia, 39, BA. João Paulo Severini, 35, SP. Terézinha da Rocha, 54, PE. Aitor Marc Diagonini, 63, RS. Bruno de Oliveira, 6, RJ. Dorival Alves Melo, 33, PB. Rosângela Nascimento, 30, BA. Jean Barbosa de Melo, 15, AL. Flávia Cintra Ferreira, 26, SP. Josenir Pereira de Abreu, 32, GO. Cicero Nascimento, 24, MS. Ivan Teixeira da Silva, 21, CE. Leandro Carlos Araújo Silva, 30, MG. Renata Martins, 23, RJ. Ana Paula de Almeida, 18, SP. Maria Eugênia Pereira da Silva, 51, SP. Almar Moraes, 33, DF. Francisca Aida Hortência Dias, 36, CE. Cecília Pederzoli Leite Soares, 34, MG. Rogério Bento de Carvalho, 19, SP. Luis Carlos da Silva, 31, RJ. Felipe Martins Ruz, 6, BA. Carlos Humberto Fernandes, 60, RN. Evandro Márcio de Carvalho Paulino, 28, SP. Fabiano Junior Cláudio de Souza, 19, SP. Maria Lúcia Pessini, 47, RS. Leonardo Antônio Vendelino, 20, MG. Julio Cesar Ferreira, 30, RJ. Sergio Luiz Marques Almeida, 36, SP. Adilton Longhini, 30, PR. Renilda da Silva, 31, MG. Helio Alves da Silva, 19, MS. Bianca Martins, 20, RJ. Magnus Douglas, 16, DF. Wagner Rodrigues, 17, MG. Edson Amado, 41, SC. Fátima Tavares, 40, SP. José Felix Oliveira, 25, SE. Renilson Nunes, 22, PA. Itamar Luis Gonçalves, 34, MG. Fabiano Santos, 6, PA. Georgina Lúcia Vendelino, 38, SP. Larissa Strelaev, 30, RS. Eliane Oliveira, 36, DF. Celso Meira, 47, MT. Cleide da Silva Brito, 45, SP. Edmilson Gonçalves Vieira, 24, MG. José Ribamar de Assis Moreira, 42, PI. Viviane Marques, 25, SP. Tatiane Rossi, 20, RJ. André José Silva Nascimento, 23, MT. Débora Arregui Risch, 17, RS. Felix Periza, 89, SP. José Indico da Silva, 51, PE. Vinia Espinosa, 24, SP. Maria Kurina, 49, AM. Deusarina dos Santos Tavares, 63, PA. Monica Preti Esteves de Lima, 18, SP. Celina Martins Pereira, 48, MG. Clodoaldo Ferreira de Jesus, 28, SP. Toni Ramos de Assis, 37, MT. Paulo César dos Anjos, 34, RJ. Veraci Guerra da Cruz, 25, SP. Inanne Nakazono, 21, SP. Luiz Avelino, 36, PB. Tânia Regina Santos, 28, BA. Ronilson Camargo, 42, MT. Claiton Fernandes, 22, GO. Aline Mouras, 20, SP. Alexandre Wagner de Carvalho, 29, MG. Severino Amador Sobrinho, 55, RN. Carlos Alberto Freitas Capa, 38, RS. Ângela Sakuma, 20, SP. Ronaldo Maciel, 35, MG. Mauro Alves, 29, RJ. Fábio Paíno, 40, SP. Telmo Rodrigues, 33, SC. Renata Baesso Pereira, 29, BA. Cosma Patrícia Oliveira, 44, PA. Alvarado Santos, 43, MT. Luiz Carlos Volpato, 43, SP. Marco Kati, 29, PR. Valéria Maria Barbosa, 29, MG. Pedro Sharp, 17, RJ. Cassia Sena, 6, PA. Eliane da Conceição Silva, 42, MA. Adriana de Oliveira Kovacs, 21, SP. Rafael Araújo Campos, 27, RS. Abílio de Mattos, 53, MG. Maria Auxiliadora Hortência Dias, 36, CE. Maurício Souda, 32, PR. Sara Soares dos Santos, 19, SP. Francisco de Queiroz, 59, RN. Maria Sonia da Rosa, 35, GO. Maria Neusa Costa do Nascimento, 52, CE. Ana Paula Belizário, 30, BA. Kelly D. M. Pereira, 28, RO. Anselmo Zacarias Pontes, 21, SP. Miriam Cely Maranhão, 47, MG. Débora Santana, 10, PA. Renata de Azevedo, 20, RJ. Edson de Oliveira, 27, CE. Fábio Fleury, 21, SP. José João da Silva, 50, PE. Luiz Alberto da Silva, 24, SP. Míriani de Oliveira, 32, MG. Camilla Gubert, 3, GO. Carolina Marçal, 19, SP. Gerardo Ferreira, 42, SP. Francisco de Assis da Conceição Silva, 25, MA. Lenti Sato, 52, CE. Beatriz Mendonça, 5 meses, RJ. Manuel Inácio Brasileiro, 36, PE. Candida Silva, 32, MG. Vilma Menno dos Santos, 70, SP. Antonio Costa, 47, PA. Amélia Bárbara Nogueira Moraes Gomes, 40, BA. Renato Coço, 20, RS. Edson Ferreira dos Santos, 18, MA. Nicolle dos Santos, 18, SP. Edvaldo Pereira, 24, PR. Cicero Lúcio da Silva, 52, AL. Sebastião Carlos de Souza, 24, MG. Cecy Varetto, 18, RJ. Ricardo Alexandre Marques Almeida, 24, SP. Carla Bastos, 17, BA. Raquel Araújo, 3, AM. Antônio de França, 46, PE. Ana de Fátima Silva, 11, MG. Yuri Ludwig Poles Zucconelli, 19, SP. Maria Gonçalves, 27, PE. Mariana Teixeira, 65, GO. Isaac Ferreira Laurentino, 27, PE. Wendell Tadeu Mainardes, 26, SP. Irene Valentim Alcântara, 54, MG. Maria Rosilda Fragaço, 36, CE. Ademir Mendes, 54, RJ. Ivanildo Conceição dos Santos, 19, BA. Isabel Araújo, 25, SP. Keli Gonçalves, 22, SC. Paulo Guilherme Alves, 33, AL. Eduardo Chales da Silva, 27, MG. Valdemar José Souza, 53, BA. Mariana Dias da Costa, 22, RJ. Sheila Muniz, 27, RJ. Albertino Miguel, 67, PE. Flavio Oliveira, 35, CE. Paulo dos Santos, 40, SP. Sonia Pereira, 68, RS. Rodrigo Marcolini, 17, DF. Fabiola Teixeira, 20, RJ. Djalma Soares, 59, MA. Nazira Conceição Silva da Silva, 37, RS. Flávia da Silva Fernandes, 25, ES. Cleiton da Silva Souza, 8, GO. Sonia Ramos, 45, BA. Manoel Alberto Coelho, 67, PE. Mariana Moreira, 61, RJ. Francisco José de Santana, 44, PI. Alexandre Carionagno, 20, PR. Elio José Schor, 45, MT. Antoneta Vianna Lobo, 34, MA. Aparecido Denami Júnior, 29, SP. Silvana Takaschima, 34, SC. Caio Mendes Neto Santana Rodrigues, 10 meses, BA. Edilene Alves de Faria Jacó, 26, MA. Guilherme Augusto, 16, MG. Elisabete Dantas, 22, SP. Cicero Manoel, 59, PE. Diani Maria da Rosa, 27, RJ. Ingrid Mendes, 18, GO. Marcelo Rocha, 28, SC. Débora Brito, 19, RJ. Marylene França Silva, 69, MG. Evandro Gonçalves, 21, SP. Angelo Gomes da Silva, 26, DF. Iva Alves Barbosa, 23, TO. Rael Tichuna, 5, AM. Alessandra Calazans, 22, SP. Elaine Cristine Gonçalves, 24, SC. Pedro Rodrigues Soares Neto, 6, RN. Francisco de Paula, 77, Gerardo Luiz de França, 65, AL. Claudia Helena Grunewald, 20, SP. Maria José de Moraes, 43, MG. Adriana dos Santos Costa, 24, AC. Francisco Carlos Braga Lira, 34, ES. Elizabete Vieira dos Santos, 23, PE. Marcio Rocha dos Santos, 17, SP. Werlen da Silva, 11, MG. Michelle Parra, 22, RS. Claudionilton Lino de Jesus, 26, MS. Marlene Kurina, 30, AM. Edson de Oliveira, 22, GO. José Francisco da Silva, 52, PB. Estevan Rocha Lima, 10, SP. Arildo Uldson Dias Oliveira, 19, PR. Vinícius Martins Ruiz, 8, BA. Julio Cesar Quiterio, 26, SP. Marco Correa, 26, RJ. Jonatas de Carvalho, 29, SP. Julia Takaschima, 3, SC. Olga Nathálay, 8, PE. Rosana Martins Ruiz, 36, BA. Alexandre Berlioz, 33, RS. Bianca de Freitas, 19, RJ. Dani Arndt de Santana, 38, MT. Tomaz Aragão, 70, SP. Maria Nívia Rocha, 31, SE. Nelson da Cruz Andrade, 57, SP. Lindalva Irene da Silva, 31, PE. Antonio dos Santos Oliveira, 39, PI. Silvia Rodrigues, 25, BA. Reinaldo França Antonio, 36, SP. Cesio Giovanni de Oliveira, 40, MG. Sergio Ferreira Tamamini, 23, DF. Haysian Parrigio, 4 meses, PR. Armando Sales Sales, 39, CE. Tia Nilze Batista dos Santos, 61, BA. Ernani de Oliveira, 42, PB. Roberto Sharma, 27, RJ. Ingrid Dreves Heidrich, 44, RS. Gilson Nunes dos Santos, 23, MG. Takun Jamamadji, 68, AM. Aelzar da Silva Maia, 27, PA. Leonardo França de Deus, 22, MG. Levir Rodrigues Santos, 25, SE. Rafaela Danche, 18, RJ. Zenilda da Conceição, 59, BA. Laudir Radadali, 34, RS. Angela Maria Ferreira da Silva, 21, AL. Lucia Maria Garcia, 29, ES. Felipe Yuri, 19, RJ. Diogo Aguiar Maia P. Neri, 4, RO. Daniel Setúso Sato, 26, SP. Alacir Sales Pereira, 20, BA. Noemia Silva, 40, SP. Amanda Porto Maia, 13, MG. Cristiane Lins, 27, AM. Elsa Avelino Ferreira Paulo, 28, SP. Karina da Silva, 19, CE. Rivaldo Francisco de Miranda, 40, GO. Maria da Conceição da Silva, 17, PI. Ademir Guimarães Santos, 14, BA. Renato Freitas de Oliveira, 33, SP. Heleno Santana, 60, PE. Fernando dos Santos, 22, SC. Gabriela Carla Nascimento, 20, MG. Edson Constantino de Souza, 22, SP. Rosana C. dos Santos, 27, BA. Albino Pinto de Toledo, 64, RS. Ivanildo Yanomami, 19, RR. Luiz Antônio de França, 3 meses, PE. Fânirio Lopes, 24, CE. Carolina Doi, 15, SP. João Batista de Jesus, 41, MG. Camila Santana, 10, PB. Almir da Silva, 40, SP. Antônio Francisco Martins Neto da Silva, 21, BA. Lucio Martins, 29, MG. Dirley Bahis, 36, PR. Magali Motano, 72, SP. Gilgualberto Andrade da Silveira, 43, MG. Michele Kohler, 19, RS. Ideraldo Macedo Borges, 32, PR. Sérgio Veloso, 42, SP. Josenir José Figueiredo, 35, PB. Sanião C. Pereira, 76, AC. Ubirajara Pereira, 53, RJ. Lucidete M. Nascimento, 26, BA. José Aguiar Aguiar, 28, RS. Alcino Campanelli, 79, SP. Iraneide Miguel, 7, PE. Anderson Cardoso Farias, 24, GO. Inaldo Rocha, 53, SE. Arnaldo de Oliveira, 18, BA. Aurema Fernandes da Silva, 44, SP. Lívia Alves Beneditas, 1, MG. Eliete Raulino, 34, SC. Juliana Botelho, 29, BA. Paulo Mariano, 17, RJ. Idalina Santos da Silva, 39, RS. José Agostinho Nunes, 70, PE. Marília de Souza, 34, PR. José Elias da Silva, 23, TO. Nady Elias, 61, PR. Edmar Camargo Silva, 17, SP. Renata Pinheiro, 20, RJ. Jefferson Vilela, 28, PR. Vanessa Cristina do Nascimento, 3, MG. Vagner Santos Souza, 29, SP. Felipe Junck, 27, TO. Juan Manuel Benedito Barreto, 37, SP. Antônio José Ferreira, 33, CE. Silvana Leite, 27, SP. Fábio Figueiredo, 35, RJ. Cleia Suzana Soares de Souza, 50, PA. Eunice Ferreira, 9, PE. Fernando F. Nogueira, 18, SP. Ivanildo Gomes, 60, GO. Rogério de Campos Ayres, 39, SP. André Luiz, 23, MG. Caroline Nemetz Bronfman, 20, RS. José Roberto S. Maia, 20, PA. Michelle Amaral, 20, RJ. Ademilson Ferreira de Oliveira, 33, SP. Jairo Freitas dos Santos, 34, ES. Raimunda dos Santos, 49, AP. Lilian Kelly Tavares, 26, SP. Vladimir Estorzi, 34, PR. Sérgio da Cruz de Paula, 21, MG. Bruno Pedreira, 18, RJ. Miranê de Jesus Silva, 35, BA. Kátia Bertoni, 21, RJ. José Souza Maia, 47, PA. Maria do Desterro de Castro Rêgo, 64, PI. Lázaro Carneiro da Silva, 63, MG. Joyce Caramigo, 23, SP. Isabel Cristina, 20, PE. Claudio Ostin, 38, PR. Olival Pereira dos Santos, 26, BA. Paulo Fernando Winter, 35, RS. Rivaldo Souza, 40, RJ. Lindinalva Marina Prado, 53, PE. Maurício Peron Junior, 38, SE. Cristiano Brasileiro, 3, MA. Marco Inácio Xavier, 42, SP. Luzinete Vieira Rozendo, 35, ES. Antonio Silva Gomes, 27, MS. Cláudia Cerqueira, 19, RJ. Ana Luiza Souza Cristino, 8, BA. Sebastião Carlos de Souza, 49, MG. Maria de Fátima Sena, 35, PA. Gladston do Nascimento Bezerra, 19, RN. Mariana Garcia Borges, 60, GO. Cláudio Rodrigues Duarte, 37, CE. Roberto Riuelens dos Santos, 25, RS. Vagner Sales, 44, SP. Mauricio de Souza, 36, MG. André Roberto Furtado, 25, RO. Cineide Almeida, 36, SP. Lúcia Nicolau dos Santos, 31, RN. Sebastião Caidas Costa, 60, MG. Suzyanne Parisotto, 36, PR. Adolfo Júnior, 26, AM. Fabio Melo, 23, AP. Emmanuelle Gonçalves, 7 meses, PR. Maria Alves de Souza, 24, PI. Olegário Manuel, 52, PE. Eliane Pereira Andrade, 28, BA. Roberto Biccamano, 34, RJ. Gabry Biccamano, 37, SC. Silvine Val de Lucila Forin, 60, SP. Maria Lucia Kiatague de Moraes, 38, PR. Bárbara Lis Nogueira M. Gomes, 7, BA. Rosimeire Santos Tavares, 30, PA. Cecília Alves Barro, 2, PE. Elaine Cristina Ferreira da Silva, 23, ES. Henrique Freire de Melo, 24, SP. Maria Eugênia Beneditas Alves, 42, MG. Ricardo Ramos, 26, RJ. Rebeccia Silva Bispo, 27, BA. Débora P. Higazi da Costa, 28, SP. Paulo Sérgio Sena de Souza, 30, MS. Amaro Pedro de Conceição, 40, GO. Severino Joaquim da Silva, 27, CE. Aroldo Santos Guimarães, 8, BA. Jose Perine 58, SP. Mateus Nunes, 1 mês, PE. Silvana Cristina Bonifácio, 25, SP. Antonia Ventura da Silva, 55, PB. Edmilson Santos Oliveira, 27, BA. Jairo Ferreira de Lima, 42, PB. Ivani Botelho, 22, SP. Antônio F. Santiago, 11 meses, RJ. José Antônio, 43, RS. Elzi Ferreira da Cruz, 35, GO. Paulo Roberto Hilde Junior, 23, PR. Traís Martins Azevedo, 20, SP. Douglas Goutart, 16, SP. Maria Lopes, 36, RS. Raimunda da Silva, 51, MA. Lucodemos Raimundo de Oliveira, 21, MS. Francisco das Chagas Fernandes do Rêgo, 65, PI. Terézinha de Souza Garcia, 35, MG. Renata de Souza, 18, RJ. Fabrício dos Santos Israel, 24, SP. Ivo Aiko Shigabaru, 39, PR. Eronides Manuel da Silva, 27, MA. Vicente Rodrigues Duarte, 34, CE. Sandra Maria da Silva, 22, SP. Vivian Maia, 18, RJ. Maria de Fátima Brasilino, 23, MA. Natácha Justo da Silva, 28, SP. Fábio Santos, 20, BA. Inacema B. Parisotto, 59, PR. Jackson Ribeiro dos Santos, 26, SE. Yrene Pinto da Cunha, 70, SP. Ezequias Jora, 34, RJ. Maria Cristina da Silva, 32, RJ. Maria del Remedios Cortizo Argiro, 36, BA. Arnaldo L. Ramos, 70, PR. Davi Treiguer, 43, RS. Ana Paula Calazans, 19, SP. Florivaldo Roque, 47, MG. Daniel José de Oliveira, 15, SP. Marco Antonio Dantas, 19, RN. Diogo Carneiro, 16, RJ. Maria Cristina Dometto Krus Borges, 42, RS. Rosolita Reis Mota, 81, BA. Alexandre Espareiro Falcão, 18, SP. Claudio Barilho, 7, SC. Silvine Val de Melo, 28, MG. Victor Hugo, 21, MG. José Rodrigues da Silva, 37, PR. Osmar Guzmán, 29, AM. Luiz Severino, 59, PE. Rosângela Grilli Souza, 28, SP. Ana Catarina, 17, RJ. Leandro Duarte, 23, RS. Luiz Menezes Dorea, 65, BA. Carolaine Tavares Vasconcelos, 14, PA. Vicente Lourenço da Silva, 65, CE. Jailton Adolfo de Oliveira, 15, SP. Welbert de Souza, 33, MG. Felipe Batista, 26, RS. Mauro Mendes Condemi, 57, PR. Rogério Alves, 25, AL. José Milton Silva, 46, SE. Ester Calmon Correia, 88, BA. Luiz Antônio Gentil, 39, MG. Andréa da Conceição Silva, 22, SP. Marcene Pereira de Araujo, 13, PB. Walter Conde, 43, ES. Pedro Sol Gentil, 19, SP. Marlene Salazar, 24, SC. Antonio Brito Lima, 68, BA. Marco Antonio da Silva, 29, RJ. Fani da Rocha, 47, RS. Livia Rodas, 13, PR. Raimundo Brasilino, 63, MA. José Batista, 72, SP. Luis Felipe da Silveira de Souza, 21, RS. Erica Giseli dos Santos, 24, SP. José Silveiro, 50, CE. Izabela Souza Cristino, 6, BA. Marcio Henrique de Almeida, 32, SP. Nadilson Galvão Bastos, 28, AL. Raquel Magalhães, 19, RJ. Claudia Yendo Ynada, 18, PR. Roberta Bassani Cardoso, 24, RS. Franciele Pinto Goutart, 23, MG. Roberto Massao Yamazaki, 28, SP. Francisca Maria Conceição, 21, RN. Maurina Matias, 47, SC. Marino dos Santos Cunha, 46, MG. Isabela Stevie Bodwy, 14, PR. Rosinete Barbalho, 9, MA. José Carlos da Silva, 49, RJ. Renata Bittencourt, 16, CE. José Rocha Ribeiro, 39, BA. Heleno Nunes, 49, RS. Marciano Freitas da Silva, 23, CE. Fábio Marques, 25, SP. Joana Verbena Fernandes Nogueira, 59, PI. Raimundo Coelho, 63, MG. Anderson Ferreira, 10, PE. Leandro José Balassa, 17, PR. Alessandra Barbalho, 17, MA. Alexandre Cavalcanti, 18, SP. Expedita Pereira Alencar, 30, CE. Genivaldo Clarindo da Silva, 33, AL. Renato Nascimento, 19, SP. Josenilton Alves Marques, 44, PB. Alberto Lomeu Arruda, 46, MG. Lício Filipe Moura, 24, PR. Leandro da Silva, 16, MA. Ramilson Nunes, 29, PA. Bárbara Moraes Mendes, 15, MG. Fernandes Lourenço de Souza, 65, BA. Pedro Pinto da Cunha, 72, SP. Valéria Oliveira, 25, SP. Regina da Silva, 38, RJ. Vivian Zambrim, 15, PR. Geraldo Freire, 45, CE. Robson Santos da Costa, 18, MG. João Ricardo, 37, RS. Maria Julia Barbalho, 59, MA. Franci Mare Pereira Nunes, 14, PA. Rosely C. Martins, 27, BA. Ester da Silva Soares, 43, SP. Renato de Souza, 32, SC. Ercilene da Silva, 33, MA. Sergio Pedro, 38, RJ. Daniele Ingrid, 15, PR. Mauricio de Moura, 34, PE. Ivonete Salvado, 34, MG. Paula Peters, 17, RJ. Genildo Ronchi, 31, ES. Gabriela O. Lessa, 7, BA.

